

O PRÓPRIO E OS ATRIBUTOS

Manuel Antônio de Castro

Um outro pode ser a gente; mas a gente não pode ser um outro, nem convém...

João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*

O homem de bem exige tudo de si próprio.

O homem medíocre espera tudo dos outros.

Confúcio

O que neste ensaio se procura desdobrar já está manifesto na epígrafe, quando Rosa nos convida a pensar. Convocados e provocados pelo poético do seu pensamento, nosso diálogo com ele consiste em tematizá-lo, fazendo uma caminhada de compreensão, na qual nos adentremos e nos compreendamos melhor porque “a gente não pode ser um outro” (Rosa, 1968, p. 347). Ao menos... não convém... Mas como ser o próprio e não os outros é a questão. Há tantas teorias, tantos modelos, tantas verdades prontas! A tentação de se identificar e deixar-se afetar pela teoria mais convincente e agradável é tão mais fácil! Mas quem disse que viver é fácil!? Viver é muito perigoso... e sem receitas, pois estamos sempre em travessia à beira do abismo. Como evitar o verdadeiro dos atributos e deixarmos-nos envolver pela verdade?

Metafísica é uma palavra originária, grávida de muitos sentidos. Porém, desde o início predominou certo sentido com profunda influência no Ocidente. Por esse sentido, a metafísica é atributiva como atitude e princípio, funda-se nos predicativos da proposição. Então a metafísica

fundou a determinação da verdade do Ser a partir do ente enquanto ente, ou seja, dentro de um princípio como fundamento e *representado* na proposição. Nesta, a verdade fica reduzida ao verdadeiro dos atributos propositivo-relacionais, aos predicativos ou acidentes. No atributo e com os atributos temos sempre um saber “sobre”, jamais “com”, nunca na dinâmica do entre-acontecer poético. Chamar a alguém de heideggeriano, freudiano, deleuzeano, nietzschiano etc. é identificá-lo com um atributo de algo que lhe é externo, que se incorporaria a ele, mas não surge do que lhe é próprio. Apenas externamente há uma *identificação*. Externamente diz aí a projeção de ideias (conceitos) com as quais se identifica alguém e a partir das quais se experiencia suas vivências, seu modo de ser; e que se tornam a medida da realidade e da verdade. Pura alienação, onde não há um apropriar-se, uma *metábole*, uma referência com o que se lê, se pensa e se é. Passa-se a pensar – se isto por acaso se pudesse chamar pensar – e a julgar a partir do que outros dizem. E que é assumido passivamente, de fora. Enfim, não há pensar, somente identificação e mimetização externa.

Nesse caso, o atributo é uma forma de classificação de alguém por algo que é de outro, a partir de outro e não do que lhe é próprio. Toda identificação é abstrata, ideal e alienante, porque a identidade enquanto identificação é sempre uma falsa questão, pois ela pressuporia uma ideia prévia, seja em termos pessoais, seja em termos culturais. É falsa porque é baseada em atributos relacionais dentro de e a partir de um sistema.

Cada um é um “sendo” inaugural e irrepitível, daí a impropriedade do atributo externo e relacional, que é sempre universal abstrato, essência conceitual. Porém, o próprio só se conquista a partir do que é próprio e como o próprio, nunca numa projeção em direção ao que cada um não é nem pode chegar a ser pela identificação ideal com qualquer outro, com qualquer ideia como ideia. A chamada influência do meio social não passa da aceitação passiva de valores estratificados e veiculados pelo sistema dominante. Porém, em verdade e potencialmente, cada um de nós é um sendo que não cessa de se inaugurar a partir do vigorar do *mesmo*. Então, ser o que já desde sempre se é é a questão. E a questão nunca cabe em conceitos, atributos, ideias prévias, teorias,

perspectivas classificatórias. Em cada sendo a questão é corresponder, no e pelo agir, ao apelo de Ser o sendo, não a partir do sendo enquanto sendo do sistema, mas do sendo enquanto sendo do Ser. Apropriar-se é o concreto poético de realização sempre em processo, onde o Tempo é o Ser enquanto doação. Essa doação se torna a quarta dimensão do tempo: a *linguagem*. Presentificar esse presente a partir da *linguagem* é o desafio, é o pensamento da *questão*.

E como se dá essa caminhada de apropriação? Pensando. Pensar é o desafio cotidiano de se apropriar do que se é, mas ainda não se tem, para chegar a ter e a ser o que se é, onde o que se tem não são atributos, mas a manifestação do que se é sendo, no, com e a partir do Ser. A essa apropriação se pode denominar referência. Na referência, o referente do referido é o Ser e não o ente. Então a referência não diz algo fundado na proposição, mas no “como” do Ser do sendo. Tal “como” é o desdobrar-se do princípio originário na plena realização do próprio enquanto a *linguagem* do *mesmo*: *Têlos*, diziam os gregos. Por isso, jamais alguém que pensa e não é mero repetidor de conceitos de outros se pode identificar com atributos externos. Será que então alguém pode ser heideggeriano, deleuzeano, nietzschiano etc.? No caso, por exemplo, ser heideggeriano seria adotar o sistema, a teoria, os conceitos prévios de Heidegger, com os quais se identificaria e passaria a aplicar a algo, falando “sobre” determinada obra, poema, texto ou assunto ou, ainda, pessoa. Isso para julgar a realidade e os outros. As ideias de outros se tornariam o parâmetro (medida) para pensar e ser. Ser assim é alienar-se do próprio.

Quem assim raciocina, só usa a razão, porque só sabe se mover na metafísica rácio-conceitual, pois a essência da metafísica essencialista é a ciência (*epistême*) dos conceitos atributivos. E assim procedemos com tudo na nossa vida ativa e contemplativa, espiritual e material, intelectual e afetiva. Só nos guiamos por atributos que são determinados pela ciência (*epistême*), por um determinado saber. Quem sabe, por apenas raciocinar, nunca chega a saber o sabor do pensar do Ser. Quem só sabe se mover no âmbito da metafísica ideal não sabe se autocomportar e não sabe ver e julgar o comportamento dos outros a não ser a partir desse âmbito que a tudo precede. Mas quem assim julga, sempre se acha a salvo de qualquer atributo e identificação, o que é uma contradição,

pois só sabe se mover nos atributos relacionais como fuga das questões. Ou não? Dentro desse âmbito, seremos sempre determinados e julgados por um atributo: heideggerianos, marxistas, freudianos, desconstrutivistas, católicos, protestantes, crentes, espíritas, vascaínos etc. E as obras de arte serão antigas, modernas, barrocas, românticas, realistas, engajadas, alienadas, vanguardistas, inovadoras, criativas etc. Não serão esses atributos meros acidentes? E, por isso, resta a questão: o que serão as obras sem os atributos? Qual a essência da obra sem os atributos crítico-judicativos? Então, a obra fica dependente de um “juízo” que tem sua “medida” em quê ou em quem? Mas será a proposição que, no juízo, lhe dá o que é? Isto, o que é, ela o recebe do Ser e não do autor ou do crítico através de sua razão ou imaginação. Em cada obra, isto, o que ela é, só o pode ser no e pelo vigor do Ser. Esse “isto” que vigora em cada obra é *a questão*. É a questão de sempre. Ela se tornou a questão da essência originária, desde que os seres humanos foram tomados pela admiração do sendo do Ser. Em grego se passou a falar de *ousia* do *on*. Qualquer tradução tradicional desse pensamento grego é problemática, sobretudo as conceituais, as essencialistas, as genéricas.

No que diz respeito a Heidegger (e a todo grande poeta e pensador), podemos distinguir o seguinte: quem não leu ou quem leu e não pôde entender Heidegger não notou e nem pode notar que justamente todo seu esforço de pensamento se dá na luta permanente pela denúncia da perda do sentido do Ser, na trajetória da metafísica essencialista. Daí a tentativa incessante de caminhada na direção desse sentido, ou seja, pela negação dos atributos como lugar do que é próprio. Ocorre que esse sentido esquecido não ficou esquecido em algum autor, em alguma época, em alguma teoria (acusa-se geralmente Platão ou o platonismo). Isso não corresponde ao que Heidegger não para de nos advertir e tentar reverter. Ele não tem nenhuma teoria mágica que seria superior (ou a única) a todas as teorias metafísicas e que, adotada, nos daria, finalmente, o sentido do Ser, perdido nas sendas metafísicas ou científicas (o que seria o mesmo). Porém, o que afirmamos de Heidegger poderia ser dito a propósito de Guimarães Rosa também e de outros poetas e pensadores. E até nos servimos aqui de passagens da obra de Rosa, no desdobramento das questões que dizem respeito ao próprio e

aos atributos. Isso de maneira alguma quer dizer que sejamos rosianos. Diálogo com a obra de Rosa (e com outros) para encontrar e desdobrar no e com o diálogo o que me é próprio, sem atributos, sem identificação, sem modelos. Já disse Hölderlin: “Desde que somos palavra-em-diálogo / E podemos nos escutar uns aos outros...” (Heidegger, 1981, p. 33). Nós, os humanos, somos um diálogo. O ser-humano se funda na palavra, mas esta vem ao ser como diálogo. E esse seu modo de vir ao ser não é um entre outros. Só enquanto diálogo a palavra é essencial ao ser-humano.

A propósito de Heidegger, constatamos que aquilo que ele não cessa de dizer é completamente diferente e não cabe em nenhuma teoria, porque o Ser (a Realidade) é mais complexo do que qualquer teoria. Em vista disso, suas obras não tentam formular uma nova teoria redentora, única detentora da verdade, hipostasiada num discurso hermético, acessível apenas aos iniciados, aos então denominados “heideggerianos”. Isso é um equívoco lamentável, inventado pelos fechados à convocação do pensar e do poetar, aos dominados pelas classificações atributivas para tudo e para todos (exceto para eles), aos que se tornaram surdos pela algazarra dos conceitos teóricos. Porque se isso fosse verdadeiro, ainda continuaríamos nos movendo no âmbito dos atributos, do domínio da retórica e da gramática da proposição. As teorias das correntes críticas não passam de sofisticada numa retórica renovada, baseadas sempre no mesmo princípio e essência metafísica. A teoria gramatical é a teoria dos atributos, invenção sofisticada e retórica. Não há atributo ou predicado sem sujeito, nem sujeito sem predicado. É a estrutura da proposição e da realidade. Não há real sem proposição, seja para a sintaxe proposicional, discursiva ou gerativo-transformacional etc., não há disciplinas que não sejam atributivas. Dizem e ensinam sempre a mesma coisa em novidades aparentes. Todas as análises disciplinares partem sempre de uma teoria atributiva. Analisar é manifestar e comprovar os atributos (ex-plicação *causal*). Mas será que a realidade não precede a proposição? Como haver pro-posição sem a realidade se manifestar no que é enquanto *linguagem* (mundo)? O equívoco não está, é evidente, nos atributos, mas no querer reduzir a realidade, enquanto sentido do Ser, meramente e sempre aos atributos. A necessidade destes torna des-

necessário aquele. Porém, o Ser prescinde dos atributos porque, como o vigorar do próprio, simplesmente Ser é a única necessidade.

Não podemos ser heideggerianos, ou marxistas, ou culturalistas, ou freudianos etc. porque não somos dependentes de atributos externos. Ou não deveríamos ser, pois “não convém...”. Isso é negar o próprio e viver de atributos, consciente ou inconscientemente. Infelizmente, a formação sofisticada e metafísica molda o sendo, como ideia de homem, desde cedo, nos atributos. Ser homem é cultivar os atributos, pois naquilo que nos ensinam predominam os atributos. Quando se ensinará para a liberdade de ser sendo o sentido do Ser? O que cada um é se dá sempre na referência ao Ser, isto é, à essência da liberdade e sua medida.

Falar por meio de ou a partir dos atributos é sempre falar “sobre”. Ora, todo “sobre” já pressupõe uma “posição” (perspectivista, realista, simbólica etc.) que se põe de fora, ainda que frente a, do objeto a ser perspectivado e analisado. “Sobre” surge de uma teoria prévia do real. Se essa teoria é falsa ou verdadeira – domínio dos atributos – isso será comprovado pelas análises “sobre” (não importa o quê). Todo “sobre” pressupõe um pôr-se “de fora”. E pode haver “posição” fora da realidade e do que nela acontece enquanto manifestação? Se a realidade não se der, como tomar posição e mover-se nela, seja teoricamente ou não?

Todo atributo entitativo externo, no fundo, é equívoco, porque não vê, ou não quer, ou não pode ver, que toda posição para estar “de fora” (sobre) já deve estar “dentro”. Essa constatação tão simples é mais bem captada nos momentos criativos que são sempre simples, sem jamais serem simplórios. Se compreendermos (equivocadamente já) a realidade como mundo seguido de um atributo: espiritual, material, teórico, prático, antigo, moderno etc., facilmente se nota que qualquer posição “sobre” o mundo não é “sobre” o mundo, mas no mundo tomado a partir do atributo. Então nunca estamos fora do mundo, nem ao lado, nem sobre, porque até para tomarmos qualquer “posição”, a partir da qual se determina o “sobre” (e qualquer atributo), essa posição já pressupõe o mundo. O que é “mundo” enquanto “mundo” sem atributos? Mas então a variação e mudança e análise se dá na “posição”, perspectiva e teoria do atributo, sem se questionar: o que é isto – o mundo? É esse questionar que se quer omitir e negar quando se denomina alguém com

qualquer atributo. E como os heideggerianos poderiam ser diferentes? Não é isso uma pretensão descabida? Talvez uma passagem da canção de Raul Seixas, o irônico, nos torne evidente a contradição a que ele alude. Na canção “Eu também vou reclamar”, diz:

Ligo o rádio e ouço um chato
Que me grita nos ouvidos
Pare o mundo que eu quero descer
(Seixas, 1976, faixa 6).

Como parar o mundo? E saltar do mundo onde e para onde? Devemos é saltar fora dos atributos, pois há alguém mais chato do que o repeticor e citador de atributos? O que devem ser abandonados são os atributos com que nos ensinam e nos acostumamos, passivamente, a gerir e a ver o mundo, o real, a realidade e as realizações, a nós mesmos. Por que não simplesmente *só ser*? Num outro rasgo criativo, Alberto Caeiro diz também:

O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuró despir-me do que aprendi,
Procuró esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos
(Caeiro, 2004, p. 84).

É muito difícil desaprender os caminhos fáceis e trilhados dos atributos. É muito difícil questionar o esforço constante das pesquisas para gestar novos atributos, novas leis, novas teorias, novos suportes, novos “ismos”. É que o “fato” (a vestimenta) dos atributos, “que os homens o fizeram usar”, lhe pesa, pesa no pensamento. E “só muito devagar” ele “atravessa o rio” da vida, de ser o sendo que nos é próprio, de ser o próprio sem atributos.

As pessoas se acostumam a mudar de teorias, formas, perspectivas, enfim, de atributos. Só não têm a coragem de serem sem atributos.

Como diz o Poeta, isso é uma pro-cura contínua e diuturna. O costumeiro repetidor de atributos tem preguiça em pensar, no ensinado, o não-pensado, pois o pensar exige um despir-se do que se aprende “sobre”. Exige uma disciplina de renúncia ao já contido nos conceitos atributivos. É difícil “raspar a tinta”, isto é, os atributos conceituais com que se revestem e se dão ar de cultos, aptos sempre a distribuir atributos aos que os questionam, quando o questionar for um autoquestionar-se. Porém, como o poeta, a pro-cura é outra, porque outro é o seu cuidado. Pensar é ter o cuidado da *Cura* em toda procura. Para os tributários dos atributos, a impressão é de que se não se aprende um “ismo” nada se aprende (e vem uma ladainha de autores e obras citadas, na maioria das vezes lidas e não pensadas). Ah, como é difícil a aprendizagem do “nada”! E qual o caminho? Pensar. Pensar no “com” o “entre” e se afastar definitivamente do “sobre”.

Se Heidegger – mas poderia ser também Rosa e alguns outros. Aliás, Rosa afirma corajosamente que são alguns raros (Cf. Rosa, 1968, p. 79). Repito, se Heidegger não propõe uma nova teoria de atributos, o que propõe? Quando houve em sua vida a necessidade de ordenar e publicar as suas “Obras completas”, ele se viu imediatamente diante do perigo que um tal título já sinalizava – obras como sistema – e que daria já uma indicação equivocada de todo seu esforço em desconstruir a metafísica essencialista, pois poderia indicar que seu conjunto de obras propunha apenas um sistema novo, que seria, enfim, de qualquer maneira, um sistema. É no e pelo sistema que se geram os atributos classificatórios. Ora, todo seu esforço de pensamento consistiu em mostrar a incoerência de qualquer ordenação atributiva, frente à provocação da retomada da procura do sentido esquecido do Ser. E então exigiu que se escrevesse: *Weg nicht Werke* [Caminhos, não obras]. O que essa mudança implica? Poderíamos resumi-la na seguinte indicação: caminhos no “entre”, diálogo com a questão, não “sobre”.

O que Heidegger não cessa de propor em seus escritos é essa mudança: abandonar definitivamente os atributos fundados no “sobre” proposicional e empreender uma caminhada de “diá-logo com”. “Com” diz sempre caminhada junto e unido ao que é digno de ser questionado e pensado: o Ser. Se compreendermos que “sentido” é o próprio cami-

nho do caminhar, então, de onde nos vem o sentido do caminho e o caminhar no e com o Sentido? Não esqueçamos que sentido é a verdade do Ser se manifestando. Podemos desdobrar tal pergunta em dois sintagmas: “com quem?”, “com o quê?”. Mas será que são, de fato, dois sintagmas separados? O “com quem” não implica o “com o quê” e este não implica aquele? Claro, caso contrário, reintroduziríamos a vigência do atributo vigente no “sobre”. Todo “sobre” se move num duplo e na denegação da dobra. Rosa, o poeta-pensador, já disse que andava à procura do “quem das coisas”. Ora, o que reúne o “quem” e o “quê” é a *phýsis*, pois ambos, para serem o que são, já são vigentes na, pela e com a *phýsis*, isto é, o Ser. Porém, a *phýsis* se dá sempre num “entre”, numa dobra, num diá-logo. Pois o que manifesta e reúne os entes do Ser é o *lógos* (*linguagem*). Ser e linguagem constituem o ser humano. Este, para ser o que é, só o pode ser “com” o Ser e “com” o *lógos*, enquanto diá-logo, até porque sem Ser e sem *lógos* o ser humano não é. Queira ou não queira, o ser humano já se experiencia vivendo, pensando, amando etc., sendo “com” e “no” “entre-Ser”, enquanto *lógos*. “Enquanto” não é aí uma categoria gramatical, mas o acontecer poético do Tempo/Ser.

Porém, o ser humano e tudo o que é só são sendo. Diz-nos Heráclito, na sentença 84: “Transformando-se, repousa” (1991, p. 81). Isso nos remete ao Ser do sendo, pois todo sendo só pode ser sendo do Ser. Todo repouso é repouso do transformar-se, como todo transformar-se é transformar-se do repouso. Por isso a sentença de Heráclito reúne o limite e o não-limite. Isto é, o desdobrar-se da dobra. Nenhum atributo dá conta do sendo, pois estatiza a dinâmica do Ser, do transformar-se sem cessar e que, por isso mesmo, repousa. Repousar é permanecer na e com a dinâmica do entre-acontecer poético da mudança. Esse “e” é a dobra vigorando em toda forma (*morphê*). Permanecer é não deixar de ser sendo: entre-acontecer poético. Poético é aqui o atributo interno, não propositivo, inerente ao próprio sendo enquanto entre-acontecer. Atributo interno quer dizer aí o “como é” a partir d’o que é” enquanto o próprio do sendo do Ser. Poético não é nem pode ser acidental. Já o “entre” remete para a ambiguidade do sendo enquanto sendo do Ser. É que todo sendo só pode ser sendo a partir de e com o Ser. Os “atributos” do sendo não são e nem podem ser algo “de fora” ou “ao lado” do Ser.

Eles são no sendo o Ser sendo, onde o sendo, todo sendo, é sendo do, no e a partir do vigorar do próprio, o Ser. Os atributos externos também são e só podem ser a partir do Ser, mas sempre relacionados aos entes, e tão-somente como acidentes dos entes e nos entes. Tais atributos são meramente proposicionais, isto é, relacionais e funcionais. E só como tais são conhecidos e reconhecidos. No atributo funcional, o ser se dá como se fosse, dissimula-se no aparecer do parecer.

O conhecimento pelos atributos, o saber sobre, é o próprio esquecimento do sentido do Ser. Não podemos esquecer que aqui “saber” e “Ser” são o “mesmo” de que nos fala Parmênides na sentença III: “pois o mesmo é pensar e ser” (1991, p. 45). O que significa aí esquecimento do Ser? Não significa que os seres humanos podem sofrer física ou psicologicamente de amnésia. Esquecimento diz aí a perda da memória do Ser, pois, metafisicamente, o homem (sendo) se propôs como a medida de todas as coisas. Porém, a medida é o Ser do sendo. Também não é uma perda física ou psicológica da memória. Diz Heidegger que o entrelaçamento das respectivas verdades “sobre” o sendo em seu conjunto se chama metafísica (Cf. 2008, p. 253). Ao tecer teorias “sobre” o ente e mesmo “sobre” o ser do ente, desde então aconteceu o esquecimento da memória do Ser, do sentido do Ser. Nisso, a memória do Ser se tornou a questão. Porém, questão não é conceito nem problema. A questão também não pode ser pro-posta de fora ou sobre o Ser, porque fora do Ser o que pode ser?

Surprendemo-nos então numa con-juntura de questão: nós, seres humanos, isto é, cada sendo, só é e pode ser no, com e a partir do Ser. Porém, o Ser não é, pois se fosse seria ente e não Ser. De um lado, só somos com, no e a partir do Ser. De outro, como antes e depois, nunca abrangemos o Ser, nunca somos o Ser. Somos sendo no entre-acontecer poético. Dentro dessa aporia, cada sendo deve apreender-se e compreender-se já desde sempre vigente no Ser, mas como o Ser não é, pois se fosse seria ente e não Ser, o Ser sempre de novo se nos dá e convoca a pensá-lo como “a questão”. Na resposta da questão o Ser se dá e, ao mesmo tempo, se retrai como Ser. A retração diz a presença da ausência, o repousar no transformar-se, a essência originária da forma (*morphê*). A presença da ausência diz sempre o extra-ordinário do ordinário, o insólito do ha-

bitual, ou como o poeta-pensador diz: “Quando *nada* acontece, há um milagre que não estamos vendo” (Rosa, 1967, p. 71).

Contudo, essa questão, como “a questão”, não é algo que um dia foi descoberto, formulado e resolvido. Não. Jamais. Ser é memória. O sentido é a memória do Ser. Sentido é o caminhar de todas as caminhadas enquanto unidade, memória. E memória é a unidade do que foi, é e será. Porém, a unidade do tempo tripartido é a quarta dimensão dele: a linguagem ou mundo. É a unidade do “tudo um” (*hen panta*) da sentença 50 de Heráclito – auscultando não a mim, mas ao *lógos*, é sábio corresponder ao: tudo é um (Cf. 1991, p. 71). A memória, enquanto sentido do Ser, é a unidade da pro-posta como o “a ser pensado” na sentença 84 de Heráclito. A questão é algo permanente no transformar-se, é o contínuo permanente “a ser pensado”, isto é, a ser questionado. É nessa con-juntura (re-ferência) que se dá o “com” do entre-acontecer, do “dialogar” entre sendo e Ser. O “dialogar” nos joga, pois, a cada um e a cada momento e época, na con-juntura da questão. Época diz, então, o desvelar-se da verdade do Ser sendo como presença de ausência. É um desafio de caminhada a ser pensado sem parar e que ninguém pode fazer por nós. E que não se resolve em nenhum atributo, em nenhum “sobre”.

Dialogar com é sempre uma conjuntura de memória (passado, presente e futuro). Isso significa que o “com” é o a ser pensado por cada um sem cessar no dialogar (o entre-sendo a caminho da linguagem), porque é nesse pensar – ou “chocar”, como diz Rosa – que se dá a tarefa, apelo, vigília e desvelo dos poetas e pensadores. Ser poeta e pensador é o apelo vigente desde sempre em cada sendo. No e pelo sendo, que já desde sempre somos, todos somos propriamente poetas e pensadores, enfim, artistas.

Ser artista é a vocação irrefreável para nos apropriarmos do que nos é próprio. Quem classifica o outro, facilmente, com um atributo não quer pensar e nem dar o direito ao outro de pensar o que lhe é próprio. Pensar é pensar-se a partir do Ser.

Todos os escritos de Heidegger não cessam de repetir, com uma insistência de apelo a cada um que o lê, que faça conforme o pensador Heráclito já o sentenciou na sentença 50. Co-responder (*homolegein*)

é experienciar “a questão” sempre na con-juntura do “tudo é um”, isto é, no dialogar enquanto entre-acontecer. Ninguém, se leu e procurou compreender Heidegger a partir do que nele é “a questão”, pode-se pode tornar um atributo a partir do filósofo. Todo sendo só pode ser “com” e no entre-acontecer do Ser. Mas se esse é o próprio apelo do Ser em cada um (e não por um milagre miraculoso em Heidegger ou seja lá em quem for), Ser o sendo não é algo prévio ou de fora e que alguma teoria possa dar previamente (próprio das teorias atributivas, manifestas de antemão sobre). De maneira alguma. É sempre o desafio e apelo de ser o próprio.

Ser o sendo que cada um já é e recebeu como próprio, como *moira*, é “a questão”. É isso o que quer dizer o “dialogar com”. “Com” o Ser é ser com a questão, como a questão do Ser. Ser sendo é tão simples e natural quanto misterioso, insólito. Ser, em suas etimologias, é surgir, viver e permanecer. Para cada um, o verbo mais simples, direto, imediato e cotidiano é ser. Embora estejamos sendo e jamais possamos deixar de ser, Ser é o enigma que todos temem. Por quê? É que é muito mais fácil trilhar os caminhos dos atributos, presentes nos saberes das disciplinas, dos estudos culturais e suas identidades funcionais, das teorias das relações sociais ou psicológicas. Porém, todos temos um encontro marcado, no e com o Ser, porque, misteriosamente, até os atributos para serem atributos têm sua vigência no Ser. Descobrir e enfrentar o desafio de que somos um projeto (cada um) de ser poeticamente “com” o Ser é o desafio que só cada um pode e deve enfrentar, sem medo e com coragem. Realizar o próprio é a travessia do Ser. Por isso, Diadorim diz a Riobaldo, na travessia de iniciação no rio da vida, do São Francisco: “carece de ter coragem” (Rosa, 1968, p. 83).

Aí nenhum “sobre” pode fazer nada, ou seja, nenhum atributo pode resolver, pois não sai nunca do âmbito do “como” o sendo é. Todo atributo como atributo só nos joga no âmbito do “como” relacional e funcional. Resgatar em nós, em cada um, o esquecimento do sentido do Ser, pintado nos sentidos e nos ensinamentos que nos ensinam, é a grande tarefa, ou seja, sem mudarmos de atitude pelo abandono do “sobre” e optarmos pela disciplina do entre-acontecer poético-dialogante, jamais compreenderemos o que, em seu caminhar de pensador, Heidegger não

cessou de, ele também, tentar: responder e corresponder ao apelo e convocação do Ser.

E outra faceta desse apelo do pensar nas obras de Heidegger é que ele faz isso mesmo “com” as obras dos grandes pensadores. Pois todo pensador de todas as épocas pensa a questão como e a partir da época. Por isso, pensar é pensar, no pensado de tais obras, o não-pensado “como” o “a-ser-pensado”, a questão. Heidegger, em seus ensaios, jamais retoma e relê as obras dos grandes pensadores para classificá-las. Não cessa de repensar nelas o que se dá como questão. Muitas vezes retoma e relê apenas um parágrafo, uma pequena passagem, uma palavra. E então as obras de tais pensadores saem das classificações atributivas, classificatórias, e nos aparecem numa luz inaugural, pois as grandes obras poéticas e de pensamento são sempre estreates. E assim o são porque a questão é sempre uma irrupção originária, e em todas as épocas. Reduzi-las a atributos é matá-las. Mas o que nelas se mata é a questão, encobrindo-a com os estudos “sobre”, onde só se fazem análises e não se escuta o que elas têm de digno de ser escutado, porque são fruto da fala da questão. Falatórios atributivos não são a fala da questão.

Nesse horizonte (e não numa perspectiva teórica), a época não pode ser fruto de uma historiografia atributiva, mas o originário do inaugural. O pensador não repete, para o certo ou para o errado, o que nelas se diz. Traz para o questionar o que nelas é a questão e assim nos provoca a pensar também o que, no que ele diz, é digno de ser pensado por nós: a questão. É que a época, toda época, é o entre-acontecer poético do Ser. Por isso, a Poética é o entre-acontecer do poético, da questão, ou seja, do originário, do inaugural, um inaugural que se torna para cada sendo, enquanto entre-ser, “a questão”, a questão da referência de Ser e sendo. Nesse sentido, todos somos históricos, isto é, epocais, enquanto tarefa poética.

Porém, devemos ter bem presente que o “dialogar com” só é a partir do e com o Ser, porque já somos também em reunião com todos os outros “sendos”. Não somos uma justaposição de “sendos”, assim como uma casa não é a justaposição de tijolos ou uma biblioteca, de livros a serem citados. Somos sendo no e a partir do *lógos*, pois a *Linguagem* é a *Casa* do Ser. É que a questão é uma tarefa de todos. O *lógos*, a reu-

nião que põe, depõe e propõe, no ditar do dito poético, reúne todos os pensadores em torno de, na e com “a questão”, num diálogo sempre originário e inaugural. Pensar é pensar com “todos” a questão, mas em que cada sendo é sempre insubstituível, irrepetível, em que a tarefa de pensar a questão não pode ser delegada a ninguém, daí a impropriedade dos atributos externos, do denominar a alguém de heideggeriano, sarreano, rosiano etc.

Rosa, o pensador-poeta, disse isso de uma maneira admirável: “Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho...” (Rosa, 1968, p. 47). Capinar é aí o trabalhar (agir poeticamente) a tarefa que nos foi dada, não em comodato, mas como destino. Capinar diz aí o inclinar-se para a Terra, tratá-la, cuidá-la, cuidando-nos. É a extrair dela o que nos leva a Ser o sendo, não a reduzindo a mero recurso disponível para fins funcionais, consumistas. Capinando se prepara a Terra para receber a semente fecunda a ser manifestada pela água e pela luz do Céu, no agir silencioso da Terra e do Sol. Da Terra e do Céu nos advém o alimento de consumação de nosso destino, da sina e tarefa que nos foi confiada: o próprio. O pensador é bem claro, não há uma oposição entre o social/“colheita comum” e o pessoal/“capinar sozinho”. Há uma dobra.

E como esquecer nosso destino, a questão em nós? Tarefa se diz em latim *pensum*. Deste se formou a palavra portuguesa “pensamento”. Pensamento, portanto, é a tarefa de pensar a questão enquanto o destino que nos foi destinado no cuidar da Terra, Gaia, e de nos abrimos para o agir poético do Sol na e com a clareira. A estranheza e o insólito estão na grandeza e mistério do “a-ser-pensado”: a questão. A vertigem e o abismo que se nos abre nesse desafio, como o “a-ser-realizado”, nessa tarefa poética, nos jogam desde sempre na essência do agir, isto é, do Ser. Mergulhar, como essência do agir, no abismo é uma tarefa de todos, é uma “colheita” de todos. Na colheita – *cum legere* – já temos sempre o apelo da escuta do *lógos: hen panta*, onde todos somos no *dia-logar* com o que nas obras de todos os pensadores e poetas é digno de ser pensado. A colheita é comum, mas quem quer colher no recolher-se “a questão” não pode se atribuir atributos seus ou dos outros. Colher é colher com todos, acolhendo e recolhendo-se ao “um” (*hen panta*). Na colheita

entre-acontece a unidade, a vigência da memória, a linguagem como mundo. Porém, o “capinar é sozinho”, apropriar-se do que é próprio, é um “capinar sozinho” sempre.

Heideggerianos? Platônicos? Marxistas? Etc.? ... Não convém...

Colher com todos é dialogar. É nesse horizonte que devem aparecer as “obras-caminhos” de Heidegger e de todos os grandes pensadores e poetas: como caminhos dialogantes que convocam ao diálogo com e a partir da questão. E não e jamais a uma doutrinação e a um formar e formatar, próprios das teorias atributivas. Como se defrontar com o Ser do sendo como “a questão” se não for um diálogo de todos e com todos no *hen panta* de Heráclito?

Ler, viver, pensar é dialogar “com”, pois, dialogar é cada um, e, coletivamente, acolher “a questão”, a memória e o sentido do Ser para, vigorando na *arkhé*, chegarmos à plenitude de nosso *télos* (o que nos é próprio), para que, no apelo da “questão”, sempre inaugural, transformando-nos, repousemos. Mas isso só pode entre-acontecer se rasparmos as tintas com que nos pintaram os sentidos: se rasparmos e abandonarmos os atributos.

O desvio fundamental do atributo nunca está nele como tal, pois os predicados do sendo nunca podem ser negados. A questão está em que, na retórica e sofisticada metafísico-proposicional e lógica, o atributo se atribuiu o lugar da verdade do ser. E, conseqüentemente, reduzindo-se o Ser enquanto verdade característica (o sendo verdadeiro, alto, baixo, mau, bom etc.). Porém, o Ser vigora no sendo, que é, e como sendo, que é, o Ser se dá e presenteia e presentifica como presença. Como presença e ausência, o Ser se desvela no sendo. Portanto, a verdade do Ser do sendo é o desvelamento e não e jamais pode ser confundido e reduzido aos atributos. A importância destes está em que eles dizem o verdadeiro, manifesto na relação causal da proposição. Só como proposição os atributos se relacionam com a realidade. É que esta, para se dar como proposição, precisa já se mostrar como tal. Esse mostrar-se como tal é que é a verdade, o próprio do que é o sendo. Verdade, portanto, significa a essência do verdadeiro. Logo, a verdade e o verdadeiro se dão numa dobra, onde o verdadeiro é a essência da proposição e é por isso que pode ser apreendido como atributo do sendo, de relação, isto é,

função dentro da proposição. Esta, em sua essência, é a unidade mínima da estrutura ou sistema discursivo.

Todo atributo é funcional porque toda função é função dentro de algum sistema. Esta é a representação da realidade efetuada pela proposição e, no seu todo, pelo discurso. A representação é a correção e certeza da proposição. “A verdade da proposição é sempre e sempre somente esta correção” (Heidegger, 2009, p. 129). Enquanto a realidade como verdade é o mostrar-se, o desvelar-se como tal, no sistema relacional do discurso, o verdadeiro, enquanto predicado, já funciona sempre dentro da finalidade de convencer como verdadeiro. Todo atributo, enquanto verdadeiro, já traz sempre em si, implícita ou explicitamente, a intenção de convencer, ao passo que a verdade do próprio consiste simplesmente em ser o próprio. Todo próprio é próprio do “mesmo”, não da mesma coisa. O próprio do mesmo é o vigorar do Ser do sendo.

O sendo como presença é presente do Ser e é este que se faz presente sempre como presença e como presença da ausência, como Essência originária, determinando o que é como limite. E não o inverso. Portanto, a medida dos atributos é o limite (*morphê*), mas este tem como medida a Essência originária que nele vige e o produz e o conduz à consumação. Nessa realização, os atributos são subsumidos pelo não-limite do entre-acontecer poético-apropriante. O verdadeiro depende da verdade. E não o inverso. Mas a verdade é o entre-acontecer apropriante na vigência e dinâmica do Ser no sendo e jamais se lhe pode atribuir o atributo verdadeiro. O problema do atributo é sempre um problema do ente (sendo), jamais do Ser. Mal e bem são um problema do ente, jamais do Ser. O Ser não é bom nem mau, porque o Ser não é ente. Rosa, nesse sentido, tem uma passagem importantíssima em sua obra-prima: *Grande sertão: veredas*. A caminhada de Riobaldo é o caminhar por entre os entes a caminho da linguagem, do Ser. A travessia do âmbito dos entes para o âmbito do Ser se dá com o pacto. Nessa transição abandona os atributos e se deixa tomar pelo próprio, para chegar a ser o que é. A sua caminhada como questão é a caminhada de cada um, caminhada na, com e a partir da questão da vida como caminhada, pois Riobaldo é uma personagem-questão. Com o pacto, ele se deixa tomar pelo Ser e, então, a questão do diabo, como lugar da questão do bem e

do mal, encontra o seu devido lugar: no âmbito do Ser-tão não há bem nem mal. Diz:

– Mano velho, tu é nado aqui, ou de donde? Acha mesmo assim que o sertão é bom?... Bestiaga que ele me respondeu, e respondeu bem; e digo ao senhor: – Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano!: – ...ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo (Rosa, 1968, p. 394).

Essa questão dá a diretriz de todo o seu fazer poético, porque é a questão da referência de Ser e homem, e não uma relação atributiva de entes. Noutra passagem, diz: “Mas a água só é limpa é nas cabeceiras. O mal ou o bem, estão é em quem faz: ‘não é no efeito que dão’” (Rosa, 1968, p. 77). O agir do homem baseado no poder de agir do homem é que gera o bem e o mal, ou seja, move-se tal agir nos atributos.

Porém, há um mistério desafiante nesse agir atributivo do homem como medida, pois, abissalmente, não é ele que decide o optar por esse agir, por ser a medida. Diz: “Quem que diz que na vida tudo se escolhe? O que castiga, cumpre também” (Rosa, 1968, p. 165). Cumprimos, quando nos medimos pela medida do ente ou do Ser. Todo próprio, até no impróprio, tem sua *Moira*, sua sina. Saber a sina como questão, eis a questão para quem tal termo é questionar. Para quem pensa o contrário, só resta o fazer da vida um mover-se entre os entes, sendo. Então o destino é não fazer dos atributos questão, é viver sem se perguntar pelo bem e pelo mal. Como isso acontece e com quem acontece é um enigma. Mas acontece. Rosa trata desse acontecer por meio do personagem-questão, o jagunço Jõe. Riobaldo o questiona a propósito do bem e do mal. E o que ele responde? “– Uai?! Nós vive...” – foi o respondido que ele me deu” (Rosa, 1968, p. 169). Viver já é desde sempre Ser. E essa é “a questão”, na qual se pode dar o bem e o mal, na qual acidentalmente os atributos ou acidentes se tornam verdadeiros ou não. Mas viver é que é a verdade. Segundo a sina de cada um, viver não basta, algo mais advém, mas não para todos, é verdade. Por quê? Essa a questão de Riobaldo, porque nem todos são lançados no abismo. Lançados estão, mas movem-se na superfície dos atributos, onde correm as duas margens do rio. Para eles não se faz questão a terceira margem do rio, o terceiro olho de Édipo. É que

a algumas raríssimas pessoas Apolo fere, como disse Hölderlin, como aconteceu a ele, como aconteceu a Édipo. E eis o que nos diz Riobaldo: “Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas” (Rosa, 1968, p. 79).

Riobaldo é uma dessas raríssimas pessoas, foi ferido por Apolo. E cada um de nós está entre essas raríssimas pessoas? Para o personagem-questão Riobaldo, não basta viver. Ele é tomado pelas questões e convoca o leitor para o acompanhar: “O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção” (Rosa, 1968, p. 79).

Os atributos são relações propositivas no âmbito dos entes. Nelas, o estatuto do que é bem ou mal muda dependendo do ponto de vista na relação. O que é bom para um pode ser mau para outro. Mas não devemos confundir re-ferência com relação. A verdade, a presença, é sempre referência do Ser e sendo. Quem se move apenas no âmbito das relações não pode jamais sair do âmbito dos entes e de seu conhecimento, os atributos. Apenas vive. E não há nisso nenhum julgamento. Há o mistério, o insólito, que não pode ser negado. Quem tem olhos para ver, muitas vezes olha e não vê. Os entes e seus atributos não passam do mover-se nos limites relacionais, gerando os formalismos, os perspectivismos. Nessa limitação, caem os que se movem apenas nos atributos propositivo-relacionais, nos conhecimentos “sobre” os entes e seus limites. Mas como haver sendo sem Ser? Quando o apelo do sendo é o Ser, não há como ficar se guiando apenas pelos limites e formas dos entes. É necessário a escuta do *lógos*. E no *dia-lógo(s)* de escuta do *Ser* qualquer atributo relacional é uma impropriedade. Ser heideggeriano, rosiano, kantiano, e assumir o atributo seria ser impróprio. Até se pode, mas, então, não se é o que se é no sendo do Ser. Pois... não convém...

Que se pode fazer quando não se quer pensar? Cada um tem sua sina. Pensar é nosso destino e, por isso, pensar é também esperar que o sono sonolento dos atributos se dissipe e brilhe o acontecer da admiração, do próprio em cada um: o Ser vigorando no sendo. Então os atributos predicativos, qualificativos, acidentais, passarão a ser o que são: atributos dos entes. Fora deles, só sendo o sentido do Ser. E então chegou a hora e a vez do acontecer poético-apropriante.

Referências bibliográficas

- ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES, HERÁCLITO. *Pensadores originários*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CAEIRO, Alberto. *Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Tradução Idalina Azevedo da Silva e Manuel Antônio de Castro. Lisboa: Edições 70, 2009.
- _____. A essência e o conceito de *physis* em Aristóteles – Física B, 1 (1939). In: _____. *Marcas do caminho*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. Hölderlin und das Wesen der Dichtung. In: *Erläuterung zu Hölderlin Dichtung*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1981.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- _____. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo. “Eu também vou reclamar”. In: SEIXAS, Raul. *Há dez mil anos atrás*. São Paulo: Universal, 1976.

Resumo

O ensaio alça uma reflexão na qual trata da identidade enquanto falsa questão, haja visto o empenho de categorização em que o mundo ocidental está inevitavelmente deflagrado. Nesse sentido, a procura pelo próprio fica sobrepajada pelo sistema atributivo que delinea grande parte do – senão todo – pensamento moderno. Um movimento contrário a esse e que evidenciaria a densidade do pensamento poético seria perceber a apropriação como abertura ao Ser e como mergulho na singularidade pertinente a cada ente (sendo).

Palavras-chave

Próprio; atributos; identidade.

Recebido para publicação em
01/11/2009

Abstract

This essay reflects upon the question of identity. It concludes it to be a false question resulting from the predominance of thinking by categories in the West. He proposes that, due to this predominance, humans' search for their own self (*to autó*) is forgotten, especially in the modern world for which identity became a system of attributes. In this sense, an alternative considered by him which would express the density of poetic thought would be to dive into the singularity inherent to each being.

Keywords

Self; attributes; identity.

Aceito em
19/02/2010

